

Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

<https://www.uem.mz>

facebook.com/uemmoc

twitter.com/uemmoz

youtube.com/uemmoz

Edição: 414 | Segunda-feira, 14 de Setembro de 2026 | Periodicidade: Semanal



UEM eleva legado de Malangatana ao património académico e científico

– Outorga do título de Doutor Honoris Causa em Letras, Artes e Cultura cristaliza as artes como espaço de produção de conhecimento e desafia novas gerações a estudar e preservar a obra do artista

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) atribuiu, nesta Segunda-feira, (14/09), o título póstumo, o grau de Doutor *Honoris Causa* em Letras, Artes e Cultura a Malangatana Valente Ngwenya, num acto que ultrapassa a homenagem a uma das maiores figuras da cultura moçambicana para inscrever o seu legado artístico, literário,

cívico e humanista no espaço académico e científico.

Ao distinguir Malangatana, a Universidade reconhece não apenas a dimensão de uma obra que projectou Moçambique além-fronteiras, mas também o valor das artes e das letras enquanto formas de produção,

conservação e transmissão do conhecimento. A outorga abre, deste modo, novas possibilidades para que a obra do artista seja estudada, documentada, interpretada e transmitida às novas gerações como parte da memória e da identidade colectiva do país.

AINDA NESTA EDIÇÃO:

ESCIDE

15 anos a colocar a ciência ao serviço do desporto

- ESCIDE celebra percurso marcado pela formação, investigação e intervenção social e distingue figuras que ajudaram a construir a sua história

Produtos e Brindes da Marca UEM

Contacte:

(+258) 87 345 6444

(+258) 86 812 8858

cecoma@uem.ac.mz



Nascido a 6 de Junho de 1936, em Matlana, no distrito de Marracuene, Malangatana construiu uma linguagem artística profundamente ligada às suas raízes culturais. De formação inicialmente autodidacta, encontrou no desenho, na observação e na experimentação os primeiros caminhos para uma criação que viria a ultrapassar a pintura e a estender-se à gravura, poesia, literatura oral, música e intervenção cultural.

Das galerias para a Universidade: arte reconhecida como conhecimento

Na cerimónia de outorga, o Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, destacou que a dimensão de Malangatana ultrapassou as fronteiras nacionais, tornando-o numa das figuras mais reconhecidas da arte moderna africana e num dos artistas moçambicanos de maior projecção internacional.

Segundo o Reitor, através da obra de Malangatana, diferentes públicos puderam conhecer Moçambique não apenas pela sua história política, mas igualmente pela sensibilidade, criatividade e riqueza cultural do seu povo.

A actualidade do seu pensamento e da sua criação constitui, para a UEM, uma das principais razões da outorga. Décadas depois da produção de parte significativa da sua obra, Malangatana continua presente nos artistas que inspira, nos investigadores que a estudam, nos estudantes que a descobrem e nas instituições que procuram conservar o seu património.

Manuel Guilherme Júnior destacou, particularmente, a capacidade da criação de



Muxitini Ngwenya

Malangatana de estimular a procura de uma identidade colectiva, da coesão e da unidade nacional. Por isso, explicou, a UEM distingue-o pela construção de uma linguagem artística própria, valorização da cultura moçambicana, afirmação da identidade nacional, intervenção cívica e humanista, valorização da memória colectiva e projecção internacional da criação artística nacional. “Ao fazê-lo, a Universidade Eduardo Mondlane reconhece, deste modo, as artes e as letras como formas de produção de conhecimento”, frisou.

A afirmação confere uma dimensão particular à outorga: Malangatana deixa de ser apenas objecto de celebração cultural para se afirmar também como objecto de conhecimento académico, cujo pensamento e produção artística podem alimentar investigação, ensino e reflexão sobre Moçambique.

Uma distinção que pode gerar novas pesquisas

É precisamente na relação entre memória, conhecimento e futuro que reside um dos

principais impactos académicos da distinção. A outorga cria condições simbólicas para ampliar o interesse de estudantes, docentes e investigadores pela obra do artista e para fortalecer abordagens interdisciplinares que relacionem artes, história, cultura, identidade, comunicação e sociedade.

A Directora Científica da UEM, Professora Doutora Natasha Ribeiro, explicou que a atribuição do título encontra fundamento no artigo 14 da Lei do Ensino Superior e no Regulamento dos Títulos Honoríficos da Universidade. A proposta foi apreciada e acolhida por unanimidade pelo Conselho Académico, tendo partido da Escola de Comunicação e Artes e da Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

Família desafia UEM a transformar homenagem em preservação

Para a família Ngwenya, porém, o impacto da outorga deverá prolongar-se para além da cerimónia. Em representação da família, Mutchine Ngwenya, filho do artista, desafiou a Universidade a assumir um papel cada vez mais activo na investigação, documentação e valorização do legado de Malangatana.

O desafio coloca a academia perante uma responsabilidade concreta: contribuir para que o património deixado pelo artista seja preservado, estudado e disponibilizado às gerações futuras.

Mutchine Ngwenya lembrou que as obras existentes em instituições e espaços públicos não constituem simples elementos decorativos. São, segundo afirmou, documentos da história e da identidade nacional



e, por isso, parte da memória colectiva do país. A sua conservação não deve, consequentemente, depender apenas das condições circunstanciais das instituições que actualmente as acolhem.

O legado, explicou, possui duas dimensões. Existe um património material constituído por obras, documentos e lugares, mas há, igualmente, uma dimensão imaterial, expressa na maneira como Malangatana olhava para Moçambique, dialogava com as comunidades e transformava a diversidade cultural do país numa linguagem artística reconhecida internacionalmente.

Matalana: um sonho ainda por concretizar

A homenagem trouxe, igualmente, para o centro do debate o futuro do Centro Cultural de Matalana, concebido pelo próprio artista como espaço de cultura, conhecimento e aprendizagem.

Mutchine Ngwenya recordou que, mais de 15 anos depois, a Fundação continua sem um espaço próprio capaz de reunir, conservar, estudar e dinamizar o património que lhe foi confiado. “Malangatana imaginava Matalana como esse espaço vivo, aberto e virado para o futuro. Não deveríamos permitir que esse sonho permanecesse para-dó”, afirmou.



Joaquim Chissano

O apelo confere à outorga uma dimensão que ultrapassa o reconhecimento simbólico: preservar Malangatana implica criar condições para que a sua obra permaneça viva, acessível e produtora de novos conhecimentos.

Reconhecimento que interpela as novas gerações

A cerimónia reuniu personalidades das áreas política, académica e cultural e representantes da sociedade civil. Entre os presentes, estiveram os antigos Presidentes da República Joaquim Chissano e Armando Guebuza, que felicitaram a UEM pela iniciativa.



Armando Guebuza

Joaquim Chissano considerou a homenagem merecida, “por isso estamos satisfeitos por ver homenageado um artista que tudo fez para a valorização da nossa cultura e da nossa moçambicanidade”, disse.

Armando Guebuza, por sua vez, defendeu que as instituições de ensino ligadas às artes e à cultura devem continuar a promover iniciativas desta natureza. “É bom que os moçambicanos, em particular as instituições de ensino de arte e cultura, dêem esse passo. A questão que se coloca é: o que mais se pode fazer? É continuar a fazer isto. Isto vai levar estudiosos, jovens, professores e académicos a reflectirem profundamente sobre a questão”, aduziu.

50 ANOS DO CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS

Narciso Matos defende um CEA mais interventivo

O antigo Reitor da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Prof. Doutor Narciso Matos, defende um Centro de Estudos Africanos (CEA) mais disruptivo, interventivo e ligado à sociedade, à semelhança do que acontecia na década de 1980, alguns anos após a sua criação, quando procurava soluções para os desafios daquela época.



Ao celebrar 50 anos, o académico defende um revisitar do passado, com maior destaque para as principais contribuições científicas que marcaram os primórdios da sua criação, em 1976, como forma de melhor orientar o CEA nos dias de hoje.

Falando numa mesa-redonda subordinada ao tema “50 Anos do CEA: um olhar sobre o percurso histórico e científico”, Narciso Matos recorreu ao passado para explicar que o CEA de Ruth First e Aquino de Bragança, embora mantivesse ligações com o poder político, era independente e mais criativo do que o CEA dos dias actuais. “Era um CEA que estava por dentro dos acontecimentos da época, dos artigos sobre as negociações da independência do Zimbábue e também do Acordo de Incomati, entre outros contributos do CEA”, disse.

Lembrou que o CEA não nasceu de um acto isolado, mas de um contexto de re-fundação do Instituto de Investigação de Moçambique, que já existia no país, desde 1951.

Na mesma linha de reflexão sobre o percurso histórico do CEA, o investigador Doutor Carlos Fernandes debruçou-se

sobre os principais aspectos que considera determinantes para a afirmação do seu projecto intelectual, destacando o contexto de urgência nacional em que o Centro nasceu e a necessidade de produzir conhecimento sobre uma sociedade em rápida transformação e inserida numa dinâmica regional, em que Moçambique era pensado a partir da África Austral.

Segundo o investigador, um ano após a independência nacional, o CEA enfrentava o desafio de construir uma identidade intelectual própria. Esta identidade começou a ganhar forma com o predomínio do pensamento marxista, que influenciou fortemente a agenda de investigação do Centro. “Foi a grande máquina epistémica do CEA, tendo como referência figuras como Ruth First e outros autores cujas análises estavam assentes na reflexão materialista da sociedade, isto é, na produção, no trabalho, no campesinato, na transformação rural e na questão da dependência regional de Moçambique”, explicou. Carlos Fernandes destacou ainda a investigação colectiva como uma das principais marcas do CEA, associada a uma forte ligação entre pesquisa e formação e ao recurso à pesquisa social aplicada, orientada para o conhecimento da realidade e a intervenção sobre problemas concretos.

Para o investigador, a pluralidade também constituiu uma característica fundamental do Centro, marcado pela coexistência de diferentes grupos e perspectivas, entre os quais a Oficina de História, o grupo ligado a Ruth First e o núcleo dedicado à África Austral e ao estudo do apartheid e dos seus efeitos sobre Moçambique. “Era um Centro heterogéneo, com várias vozes e várias tensões, muitas delas relacionadas com a sua relação com o poder”, concluiu.

Na abertura, a Vice-Reitora da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Prof.^a Doutora Amália Uamusse, defendeu que, passados 50 anos, o Centro de Estudos



Africanos deve questionar paradigmas, produzir evidências, propor alternativas e contribuir para decisões mais informadas. “Queremos uma Universidade que coloque a investigação no centro da sua missão, que promova a interdisciplinaridade, que valorize a publicação científica, que forme novas gerações de investigadores, que fortaleça as redes nacionais, regionais e internacionais e que transforme o conhecimento produzido nas suas Faculdades, Escolas e Centros em instrumentos de desenvolvimento da sociedade”, afirmou.

A Vice-Reitora defendeu ainda que a investigação científica deve ser encarada como um investimento estratégico na soberania intelectual, no desenvolvimento e no futuro de Moçambique. “A UEM deve continuar a defender a ideia de que investir em investigação científica não é uma despesa, é um investimento estratégico na soberania intelectual, no desenvolvimento e no futuro de Moçambique”, referiu.

Por seu turno, o Director do Centro de Estudos Africanos, Prof. Doutor Carlos Arnaldo, destacou o papel histórico do CEA na produção do conhecimento científico, admitindo que uma instituição científica não pode viver apenas do seu passado, mas deve entendê-lo como uma ponte entre a memória e o futuro.

Para o Director, o CEA deve investigar não apenas aquilo que é visível, mas também aquilo que está por detrás dos fenómenos, compreender as causas estruturais dos problemas, ouvir as comunidades, produzir evidências e transformá-las em conhecimento útil para a sociedade.

Referiu que uma universidade de investigação precisa de centros de investigação fortes e que a UEM deve contar com um CEA forte, competitivo, inovador e internacionalizado.

Entretanto, reconheceu que a existência e a afirmação do CEA como centro de investigação não podem ser dissociadas da universidade que o acolhe. A Reitoria tem um papel decisivo na criação de condições, na valorização dos investigadores, na promoção de parcerias e na criação de um ambiente institucional favorável à produção científica.

Explicou que, 50 anos depois, o CEA não pretende apenas sobreviver à história, mas continuar a fazer história através da ciência. Sublinhou que o futuro coloca uma tarefa exigente: transformar o legado construído em capacidade renovada de investigar. “Pretende-se um CEA mais interdisciplinar, mais digital, mais internacionalizado e mais próximo da sociedade”, concluiu.

DESAFIOS DE FINANCIAMENTO À PESQUISA

Palestrantes propõem estratégias de financiamento a investigação

As oradoras da mesa-redonda sobre “Os desafios do financiamento à pesquisa no contexto competitivo”, realizada no âmbito das celebrações dos 50 anos do Centro de Estudos Africanos (CEA), defenderam que o financiamento para a investigação não é apenas uma

questão de sorte, mas também de preparação, conexões, oportunidades e prioridades.

Explicaram que, para um investigador, não basta ter muito conhecimento para obter financiamento, alertando para a importância de procurar oportunidades, criar redes,

formar equipas dinâmicas e candidatar-se a programas de apoio à investigação.

A antiga Directora do Fundo Nacional de Investigação, Doutora Victória Langa, referiu que os obstáculos e a falta de transparência não devem conduzir à desistência, mas constituir um estímulo para a procura de novas rotas e novos afluentes.

Reiterou que o desafio é passar da reclamação à acção, reconhecer oportunidades, preparar boas propostas, persistir e continuar a avançar. “A nossa foz é transformar conhecimento,

ideias e oportunidades em investigação relevante e com impacto”, disse.

Alertou os colegas de profissão para o facto de que os investigadores que chegam ao topo não são necessariamente os que tiveram mais recursos, mas aqueles que souberam criar caminhos, encontrar oportunidades e continuar a avançar. “Esta sala está cheia de investigadores que não se deixam deter pelos vários chumbos. São exemplos de persistência, resiliência e determinação, por isso, continuam a lutar até encontrarem ou chegarem à foz”, alertou.

Numa abordagem similar, a docente e investigadora da UEM, Prof.^a Doutora Inês Raimundo, propôs a criação de uma oficina, nas reitorias ou direcções científicas, que possa funcionar como uma unidade especializada de prestação de serviços internos. “Esta deve assumir toda a responsabilidade administrativa para identificar e fazer a triagem diária de editais internacionais e nacionais, bem como a preparação das candidaturas a



Prof.ª Doutora Carla Braga



Doutora Victória Langa

financiamento à investigação e a verificação da conformidade legal”.

Explicou que a tarefa do investigador é produzir conhecimento e, por isso, não pode ser visto como contabilista, escriba e caçador de projectos. “Os nossos investigadores, quando vão ao Fundo Nacional de Investigação, são chamados a prestar contas e a produzir correctamente um relatório financeiro. Porém,

esquecem que eles não são especialistas nessas áreas.”

Por sua vez, a docente e investigadora da UEM, Prof.^a Doutora Carla Braga, referiu que, actualmente, vigora uma era de mercantilização das universidades, do sector da saúde e da educação, numa situação em que as políticas neoliberais tendem a reduzir o financiamento à investigação.

ESCIDE

15 anos a colocar a ciência ao serviço do desporto

- ESCIDE celebra percurso marcado pela formação, investigação e intervenção social e distingue figuras que ajudaram a construir a sua história

A Escola Superior de Ciências do Desporto (ESCIDE), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), chegou aos 15 anos com um percurso que ultrapassa a formação de profissionais para o sector desportivo. Ao longo de uma década e meia, a Instituição alargou a sua intervenção à investigação científica, pós-graduação, extensão e estabelecimento de parcerias, contribuindo para uma abordagem cada vez mais qualificada e baseada no conhecimento aos desafios do desporto em Moçambique. Este percurso esteve no centro da Gala comemorativa, realizada na Quarta-feira (09/09), em Maputo, que reuniu comunidade académica, representantes do Governo e do Município, antigos estudantes e parceiros.

Sob o lema “Escola Superior de Ciências do Desporto, 15 Anos: A Ciência em Movimento”, a cerimónia distinguiu personalidades e instituições que ajudaram a construir a história da ESCIDE e abriu espaço para projectar uma nova etapa, marcada pelo desafio de ampliar a produção científica, fortalecer a pós-graduação, aprofundar a internacionalização e aumentar o impacto da Escola na sociedade.

Um dos momentos de maior destaque da Gala foi a atribuição de prémios, em cinco categorias, nomeadamente Prémio Parceria Estratégica, Prémio Mérito Científico & Inovação, Prémio Carreira/Vida, Prémio Alumni de Excelência e Prémio Impacto Social e Comunitário.

As distinções foram concebidas como forma de reconhecer o mérito, a dedicação e o contributo de diferentes actores para a

trajectória da ESCIDE, numa iniciativa que, segundo a direcção da instituição, pretende valorizar o capital humano e institucional que tem sustentado o percurso da Escola ao longo dos últimos 15 anos.

Na sua intervenção, o Reitor da UEM,

Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, considerou que a celebração dos 15 anos da ESCIDE assume um duplo significado histórico e institucional, sobretudo por coincidir com as comemorações dos 50 anos da atribuição do nome de Eduardo Mondlane





à Universidade.

Segundo o Reitor, a criação da ESCIDE respondeu a uma necessidade concreta do país de formar quadros, produzir conhecimento e desenvolver competências capazes de responder aos desafios do desporto, da actividade física, da saúde, da educação e do desenvolvimento humano.

Manuel Guilherme Júnior destacou os avanços registados pela Escola na formação de graduação e pós-graduação, investigação científica, publicação académica e estabelecimento de redes de cooperação nacionais e internacionais. Defendeu, entretanto, que o aniversário deve ser encarado não como um ponto de chegada, mas como um compromisso para os próximos 15 anos.

Apontou, como desafios, o aprofundamento da internacionalização da ESCIDE, o aumento da qualidade e do impacto da produção científica, o fortalecimento da pós-graduação e a promoção de uma investigação cada vez mais orientada para os problemas concretos de Moçambique e da região.

Falando dos prémios, afirmou que as distinções traduzem uma cultura institucional que a UEM deve continuar a promover, assente no mérito, na ética, na excelência, no compromisso e no serviço à sociedade. “Homenagear quem se distinguiu é também educar as novas gerações para o valor do trabalho, da dedicação, da integridade e da perseverança. É dizer aos nossos estudantes que o conhecimento exige disciplina. É dizer aos nossos docentes e investigadores que a excelência científica é uma responsabilidade. É dizer aos nossos graduados que o vínculo com a Universidade não termina no momento da conclusão do curso, mas prolonga-se através do contributo que cada um presta à sociedade”, disse.

Governo destaca papel da ESCIDE

Em representação do Ministro da Juventude e Desporto, o Director Nacional do Desporto, Hélder Jossias, destacou o papel da ESCIDE na formação de profissionais qualificados, considerando esta contribuição fundamental para a construção de um sistema desportivo mais profissional, organizado, inclusivo e orientado para resultados.

Na sua intervenção, sublinhou que a Escola constitui uma importante ponte entre a Universidade, o Estado, o sistema educativo, o movimento desportivo, o sector privado e a sociedade, defendendo que esta ligação deve ser permanentemente fortalecida. Para o dirigente, a formação em Ciências do Desporto permite dotar o país de quadros capazes de actuar em áreas como docência, investigação, gestão, treino e organização desportiva.

Salientou, ainda, que o Governo reconhece o desporto como um instrumento fundamental para o desenvolvimento da juventude moçambicana. Num país onde os jovens representam uma parcela significativa da população, investir no desporto, segundo afirmou, “significa investir na formação integral das novas gerações, promovendo valores como disciplina, responsabilidade, trabalho em equipa, respeito pelas regras, persistência e capacidade de lidar tanto com a vitória como com a derrota”, destacou.

Defendeu, por isso, uma maior articulação do desporto com as políticas de educação, saúde, juventude, inclusão social e desenvolvimento comunitário. Ao destacar os graduados da ESCIDE que, actualmente, actuam em diferentes sectores da sociedade, considerou que cada profissional formado representa mais do que um diploma, constituindo capital humano colocado ao serviço

do desenvolvimento do país.

Aos distinguidos na Gala, apresentou felicitações, considerando cada reconhecimento uma parte da história da ESCIDE, da UEM e de Moçambique.

Município propõe reforço da parceria

O Vereador da Educação, Cultura e Desporto do Conselho Municipal de Maputo, Doutor Osvaldo Faquir, em representação do Presidente do Município, considerou a ESCIDE um parceiro estratégico para a construção de uma cidade mais activa, saudável e dinâmica.

Faquir defendeu uma cooperação assente em três áreas: desporto escolar com ciência, através da intervenção de estudantes da ESCIDE nas escolas municipais; cultura e desporto unidos, mediante a realização de festivais que integrem dança, música, teatro e desporto; e decisões baseadas em dados, com abertura do Município para estágios e estudos científicos sobre os hábitos de actividade física na cidade.

Por seu turno, o Director da ESCIDE, Mestre Paulo Gumende, classificou a celebração como um momento de balanço estratégico e de prestação de contas à sociedade. Afirmou que, em 15 anos, a Instituição deixou de ser apenas um projecto de futuro para se afirmar como um centro de conhecimento científico relevante para o desenvolvimento do desporto moçambicano.

Gumende reconheceu ainda o contributo dos antigos directores da ESCIDE, Mestre Cremildo Gonçalves, Lic. Maria de Lurdes Munguambe, Prof. Doutor Leonardo Nhantumbo e Prof.^a Maria Perpétua Scarlet, na trajectória de crescimento e consolidação da instituição.

UEM e Universidade Federal do Pará partilham direitos de Propriedade Intelectual

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), do Brasil, poderão partilhar direitos de propriedade intelectual resultantes da criação conjunta de inovações técnicas, *softwares* e obras intelectuais de natureza artística, científica ou literária, nos termos da legislação sobre propriedade industrial e direitos de autor vigente nos dois países.

Para o efeito, foi assinado, na Quarta-feira (09/09), em Maputo, um Memorando de Entendimento que prevê cláusulas específicas de sigilo, de ampla abrangência, bem como os direitos, deveres e a participação de cada uma das instituições.

O Memorando prevê, ainda, a elaboração conjunta de teses de doutoramento; o intercâmbio de informações e publicações; o intercâmbio de docentes e investigadores para cursos, seminários, colóquios ou simpósios; o intercâmbio e o fomento de atividades conjuntas de ensino, investigação e extensão para estudantes de graduação e pós-graduação; bem como o desenvolvimento conjunto de estudos e pesquisas, com acesso pleno a equipamentos e materiais específicos.

Após o acto de assinatura, o Reitor da Universidade Federal do Pará, Prof. Doutor Gilmar Pereira da Silva, explicou que o acordo surge no âmbito das recomendações do Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que encoraja o aprofundamento das relações de cooperação em vários domínios entre os dois países.

O Reitor considera que as duas instituições



podem desenvolver inúmeras actividades. “Actualmente, dispomos de orçamento para receber e enviar docentes, realizar intercâmbio de mestrands e doutorandos”, disse.

Por sua vez, o Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, explicou que o Memorando vem formalizar e reforçar a parceria que tem vindo a ser materializada entre as duas instituições.

Segundo o Reitor, a UEM é uma

universidade compreensiva, com uma longa história de cooperação, principalmente com os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), integrando várias redes de cooperação académica e mantendo parcerias com universidades de Portugal e do Brasil.

A assinatura do acordo foi testemunhada por dirigentes das duas instituições, a diversos níveis.

Livro sobre a economia do caju em Moçambique chega à Brazão Mazula

- Obra de António Niquice revisita a trajectória da indústria do caju, analisa os efeitos das políticas de Bretton Woods e apresenta propostas para recuperar o valor estratégico do sector

Vinte exemplares da obra “*Economia do Caju em Moçambique: O Contexto das Políticas de Bretton Woods e Pressupostos da Engenharia de Reindustrialização*”, da autoria do político e académico Doutor António Niquice, com prefácio do Presidente da República, Daniel Chapo, foram entregues, esta Terça-feira (08/09), à Universidade Eduardo Mondlane (UEM), passando a integrar o acervo da Biblioteca Central Brazão Mazula e a estar disponíveis para consulta, ensino e investigação.

A obra analisa o papel histórico e estratégico do caju na economia moçambicana, com particular enfoque no processo de desindustrialização que afectou este sector e nas perspectivas para a sua reindustrialização. Ao longo do livro, o autor apresenta uma

análise retrospectiva da indústria do caju em Moçambique, identificando algumas das causas e consequências do processo de desindustrialização e propondo um modelo económico orientado para a reindustrialização e o desenvolvimento sustentável.

Segundo António Niquice, o depósito da obra na UEM constitui uma forma de partilhar o conhecimento produzido com um público mais vasto e de contribuir para o debate académico sobre a cadeia de valor do caju e a economia moçambicana. “O caju é, na verdade, uma amostra daquilo em que o país deve apostar em todos os outros sectores onde dispõe de potencialidades”, afirmou o autor, destacando a importância estratégica do sector para o desenvolvimento económico e social do país.

Niquice recordou que, nas décadas de 1970 e 1980, Moçambique figurava entre os maiores produtores de caju do mundo, uma actividade que teve um impacto significativo na vida das populações, particularmente nas zonas rurais.

Na ocasião, o Vice-Reitor para Administração e Recursos da UEM, Prof. Doutor Mohsin Sidat, agradeceu a confiança depositada pelo autor na instituição e garantiu que a obra estará disponível para consulta e pesquisa pela

comunidade universitária e pelo público em geral.

Por sua vez, a Administradora do BCI, Farhana Rasak, explicou que a participação da instituição na iniciativa se enquadra no compromisso de valorização dos autores moçambicanos e da produção de conhecimento sobre a realidade nacional. “Valorizamos o trabalho dos autores moçambicanos que investigam a nossa realidade e contribuem para a preservação da nossa memória”, afirmou.

De recordar que esta é a segunda obra do autor a integrar o acervo da Biblioteca Central Brazão Mazula. No ano passado, António Niquice ofereceu igual número de exemplares do livro “*Indústria Extrativa em África: Bênção ou Maldição?*”.



TOMADA DE POSSE DE ADMINISTRADORES

Vice-Reitor apela a uma administração baseada em soluções

O Vice-Reitor para Administração e Recursos da UEM, Prof. Doutor Mohsin Sidat, defendeu que a administração da Universidade deve deixar de ser encarada apenas como uma estrutura que reage aos problemas, explicando que esta deve passar a planificar, antecipar necessidades, acompanhar resultados e propor soluções.

O dirigente falava, esta Sexta-feira (11/09), na cerimónia de tomada de posse dos administradores das Faculdades de Engenharia e de Educação, Messias Tonela e Sérgio Bata Nhassengo, bem como da Escola Superior de Desenvolvimento Rural e do Arquivo Histórico de Moçambique, Raitone Armando e Teresa Chihio, respectivamente.

Na ocasião, Mohsin Sidat afirmou que os empossados têm a missão de incorporar soluções digitais que tornem os serviços administrativos mais simples, céleres, transparentes e próximos dos seus utilizadores. “É esta a cultura de gestão que esperamos ver continuamente fortalecida nas unidades orgânicas em que irão exercer as vossas funções. Lembrem-se, os grandes resultados institucionais não são produto do esforço isolado de uma pessoa ou de uma unidade, mas resultado de liderança, cooperação, responsabilidade partilhada e compromisso”, disse.

Ao empossado da Faculdade de Engenharia, recomendou uma gestão patrimonial



racional, alertando que os laboratórios, oficinas e equipamentos científicos são activos que estão directamente ligados à qualidade do ensino, da investigação e da prestação de serviços. “O Arquivo Histórico deve assegurar a preservação, organização, acesso, investigação, divulgação e valorização de um património que constitui parte fundamental da memória colectiva da Nação”, referiu.

Quanto à ESUDER, o Vice-Reitor alertou

que não se pode assegurar um ensino de qualidade, investigação relevante e extensão com impacto sem recursos humanos devidamente geridos, instalações funcionais, património preservado e recursos financeiros utilizados com rigor e responsabilidade. “Na Faculdade de Educação, esperamos uma administração mais eficiente, organizada e preparada para responder às necessidades da sua comunidade académica”, acrescentou.

FICHA TÉCNICA

Director: Adão Matimbe

Editor: Cezinando Gabriel

Redação: Carlos Macuacua e Deuladeu Domingos

Revisão Linguística: Prof. Doutor Eliseu Mabasso

Layout: Nelson Gemo

Fotografia: Boaventura Mandlate

Contacto:

Centro de Comunicação e Marketing da UEM (CECOMA)

Campus Universitário Principal

Av. Julius Nyerere, nr. 3453, Maputo

+258 (21) 430239 | cecoma@uem.ac.mz

www.jornal.uem.mz